

Inflação causa surpresa ao BC, e mercado já prevê juro maior



Queda do dólar. Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central, disse que a valorização do real tem ajudado a conter os preços de "commodities", mas não os de combustível: "subiu mais"

EXPECTATIVA X REALIDADE

INFLAÇÃO DE MARÇO SURPREENDE O BC

Mercado espera ciclo de alta de juros mais longo. Analistas veem taxa a 13,5%

FERNANDA TRISOTTO, CAROLINA NALIN E VITOR DA COSTA economista@globonline.com.br BRASIL 180

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou, ontem, que o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de março, de 1,62%, a maior inflação para o mês desde 1994, surpreendeu: —Teve um índice mais recente que saiu e foi uma surpresa. A gente via uma velocidade da passagem do preço da gasolina para a bomba um pouco mais rápido, por isso esse próximo índice seria um pouco maior e o próximo um pouco maior. Em parte foi isso, mas teve outros elementos, como vestuário e alimentação fora do domicílio, que vieram

numa surpresa grande — afirmou Campos Neto em evento do mercado financeiro. O IPCA de março também foi a maior taxa desde janeiro de 2003 (2,25%). Com o resultado, acumula alta de 11,3% em 12 meses, a maior desde outubro de 2003. O número veio acima do esperado pelo mercado, e analistas revisam projeções de inflação para 8% e taxa de juros — hoje em 11,75% — para 13,5% e até 14% no fim do ciclo de alta de juros. A fala do presidente do BC fortalece a previsão de juros maiores. O economista-chefe da Órama, Alexandre Espírito Santo, diz que Campos Neto deixou a porta aberta para elevar os juros também em junho. Para a reunião de maio, segue a previ-

Sem bússola econômica

> Esta é a segunda semana sem o boletim Focus, que reúne expectativas de indicadores econômicos como inflação e PIB.

> — Temos algumas dificuldades localizadas, mas ainda não vejo um risco sistêmico para o mercado financeiro. O que preocupa é a reunião do Copom (Comitê de Política Monetária), que pode ser afetada, e está marcada para 3 e 4 de

maio — diz Simone Pasi-anotto, economista chefe da Reag Investimentos. > Piter Carvalho, economista da Valor Investimentos, alerta para o risco da falta de dados na próxima reunião do Copom:

> — Entendo que os servidores vão boicotar (os relatórios) para deixar a reunião do Copom a mais fraca possível. O trabalho do BC não é fácil, subir os juros não está resolvendo. A inflação para esse ano deve ser maior de 8%. (Fernanda Trisotto)

são de que a taxa suba para 12,75%. Após a ata da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) de março sinalizar que o ciclo de alta de juros terminaria em maio, o mercado passou a esperar um aperto monetário mais curto. Mas isso mudou com o dado de março: — Foi um número de infla-

ção alto e surpreendente. O mercado está pondo nos preços que o ciclo não vai se encerrar no 12,75% e, provavelmente, vai para 13,25% — disse o economista da Órama. Espírito Santo lembra ainda que o índice de difusão (a parcela de produtos e serviços que subiram em março) também veio alto, indicando

disseminação da inflação. Segundo Campos Neto, o BC está analisando os novos números para ver a tendência da inflação. Ele disse que essa aceleração ocorreu em outros países, em diferentes magnitudes, mas reconheceu que é um problema para o Brasil: — A realidade é que nossa inflação está muito alta, o

núcleo está muito alto. A gente tem comunicado com maior transparência possível nosso processo de enfrentamento a essa inflação mais alta e mais persistente. O conflito na Ucrânia acabou fazendo com que o real tivesse uma apreciação frente ao dólar, lembrou Campos Neto, o que pode fazer o preço dos alimentos subir menos: — A queda do dólar serviu como contraponto na alta de commodities, mas na parte de combustíveis, isso não se deu porque o combustível subiu mais. Espírito Santo avalia que a queda da moeda pode ajudar a retirar a pressão inflacionária, mas diz que isso leva tempo. — Inflação a gente sobe de elevador e desce de escada. A queda é mais lenta. Quando temos depreciação da nossa moeda, isso faz com que a inflação suba rápido. O inverso é mais lento. Vamos aproveitar em algum momento no tempo essa queda do dólar, mas não será no curtíssimo prazo.

GUEDES: CONTROLE MAIS CEDO

O economista do banco BV, Carlos Lopes, afirma que o mercado já espera um alta adicional em junho e chance de elevação também em agosto. Tanto que o banco subiu de 13,25% para 13,5% a previsão para a taxa de juros: — Já estamos no segundo ano de inflação acima do teto da meta. É importante ele reagir agora diante da piora das expectativas de inflação. O Credit Suisse revisou em relatório divulgado logo após o IPCA na semana passada os juros para 14% no fim do ciclo. Ainda assim, o ministro da Economia, Paulo Guedes, está otimista. Disse que o Brasil vai conseguir conter a inflação antes de nações desenvolvidas, ao falar em Maringá, reduto do líder do governo da Câmara, deputado Ricardo Barros (PP-PR): — A inflação acabou virando um fenômeno mundial, mesmo que nosso Banco Central tenha feito a parte dele. Porque ele foi o primeiro a se mover, já colocou o juro no lugar. Os juros estão até relativamente elevados em termos reais, mas a inflação mundial está aí. E nós vamos combatê-la e vamos vencê-la também. No Brasil estou convencido de que vamos derrubar a inflação antes das nações avançadas. Guedes afirmou que a autonomia do Banco Central ajudou a conter a inflação. — Fizemos um Banco Central independente para combater a inflação. Colaborou Manoel Ventura

“Teve um índice mais recente que saiu e foi uma surpresa” Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central

“Inflação a gente sobe de elevador e desce de escada” Alexandre Espírito Santo, economista-chefe da Órama

“No Brasil, vamos derrubar a inflação antes das nações avançadas” Paulo Guedes, ministro da Economia

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Página:** 11